

ALQUEVA E ALDEIA DA LUZ: QUE FUTURO?

REINO, João Pedro; COUTINHO DUARTE, Lucinda; DE AZEVEDO ANTUNES, Manuel
*CEPAD – Centro de Estudos da População, Ambiente e Desenvolvimento,
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.*

Resumo

Ao longo do século passado, o aproveitamento e armazenamento da água em mega barragens, tendo em vista a manutenção da vida e sua sustentabilidade, sempre esteve associado a políticas de desenvolvimento que, nalguns casos, não se preocupavam com os problemas sociais e ambientais a jusante. Esse desiderato deu origem a situações de mobilidade compulsiva de populações, um pouco por todo o Mundo.

Em Portugal, a recente deslocalização dos habitantes da aldeia da Luz, em consequência da construção da Barragem de Alqueva, constitui o nosso objecto de estudo, na medida em que, volvidos quatro anos de “adaptação” à nova aldeia e às novas casas, não parecem vislumbrar-se, a curto prazo, quaisquer benefícios e evoluções positivas para os luzenses, que tantas expectativas foram alimentando em relação às oportunidades criadas pelo “Grande Lago”.

Palavras-Chave: Alqueva, Barragem, Desenvolvimento, Mobilidade, População.

1. Introdução

Ao longo do século XX, o conceito de desenvolvimento e crescimento económico dos países, andou ligado à construção de mega barragens, mais das vezes associadas a políticas que pouco se preocupavam com os problemas sociais e ambientais lançados a jusante.

No Alentejo, desde tempos imemoriais que a escassez de recursos hídricos dá origem a verões muito quentes e a invernos frios e pouco chuvosos.

O aproveitamento da água, enquanto recurso essencial para a manutenção da vida e sua sustentabilidade, ia ficando um pouco à mercê dos caprichos da Natureza, pelo que a sua utilização, armazenamento e racionalização são prioritários, sobretudo numa região onde os períodos de seca prolongados sempre se fizeram sentir.

Assim, o acesso à água constitui uma necessidade básica, fundamental à sobrevivência de todos os seres vivos, e o Alentejo não constitui excepção.

Desde os anos cinquenta do século passado que se estudava a construção de uma barragem no Guadiana, dada a necessidade imperiosa de abastecimento de água para regadio, o que veio a concretizar-se já no início do século XXI.

Com a construção da Barragem de Alqueva, no Alentejo Central, a antiga aldeia da Luz teve que ser submersa para que o maior lago artificial da Europa pudesse expandir as suas águas até à cota prevista.

Desde 2001 que os habitantes da nova aldeia da Luz têm procurado “reorganizar as suas vidas” e adaptar-se às novas casas, à nova aldeia e ao novo contexto espacial.

Volvidos quatro anos, após o desmantelamento e submersão da velha aldeia da Luz, as transformações sociais e económicas operadas no quotidiano dos seus habitantes, transferidos para a nova aldeia, construída de raiz nas herdades da Julioa e dos Pássaros, constitui o ponto de partida para este trabalho de investigação.

As recordações da antiga aldeia ficaram para sempre na memória e no coração dos que lá viveram e a adaptação ao novo contexto espacial é um processo lento e complexo.

Foi sobre essa mudança compulsiva, sobre a adaptação e expectativas em relação ao futuro da aldeia e dos seus habitantes que este trabalho de investigação se debruçou.

2. Problemática

O principal objectivo deste estudo foi o de apurar uma série de aspectos que se prendem com a adaptabilidade dos habitantes, da aldeia da Luz, compulsivamente deslocalizados, tentando compreender as suas expectativas em relação ao futuro

O inquérito realizado, em finais de 2005, teve por objectivo avaliar a adaptação dos habitantes da Luz à sua nova casa, à nova aldeia e ao novo espaço/território envolvente, procurando identificar as expectativas em relação ao desenvolvimento da aldeia da Luz e do Alentejo, em consequência da construção da barragem de Alqueva.

A metodologia de observação directa partiu, numa primeira fase, da análise de documentos e estudos já efectuados, bem como da análise intensiva/extensiva que implicou a aplicação de perguntas semi-dirigidas, estruturadas num Questionário, distribuído a 173 habitantes, valor para que apontava a selecção da amostra de populações finitas, com um erro máximo admissível de 5,00%.

Destinou-se a indivíduos que habitam na nova aldeia da Luz e que haviam residido na antiga aldeia, com 15 ou mais anos de idade, de ambos os sexos, de forma estratificada.

3. Análise dos resultados

As respostas obtidas foram 78, o que representa uma taxa de retorno de 45,09%, não havendo diferença significativa, nos resultados apurados, entre os dois géneros. No entanto, segundo os dados do Censo de 2001, a população feminina, com 15 e mais anos, representa apenas 46,84% da respectiva população total.

Mesmo assim, consideramos que os 78 questionários respondidos, correspondentes a 24,68% do universo de 316 habitantes da Luz, com 15 e mais anos, segundo o Censo de 2001, são suficientemente representativos.

No âmbito desta análise, sempre que o total referido não coincidir com o número de inquiridos, isso significa que apenas foram tidas em conta as respostas validadas, isto é, dos que efectivamente responderam à respectiva questão.

A pouca adesão dos luzenses a responder a mais um questionário deve-se, em nossa opinião, a um certo cansaço face ao “assédio” de que foram alvo, quer da comunicação social, quer dos muitos curiosos que invadiram a antiga e a nova aldeia, quer no período que precedeu a mudança, quer no período pós realojamento na nova aldeia.

Segundo o último Censo de 2001, a aldeia da Luz tinha 373 habitantes, sendo 203 do sexo masculino e 170 do sexo feminino. No total, menos 27 pessoas do que no Censo de 1991, o que representa uma taxa de crescimento negativa, da ordem dos – 0,546% ao ano. Curiosamente, em 2001, havia, na Luz, segundo os Censos, mais 3 homens que em 1991.

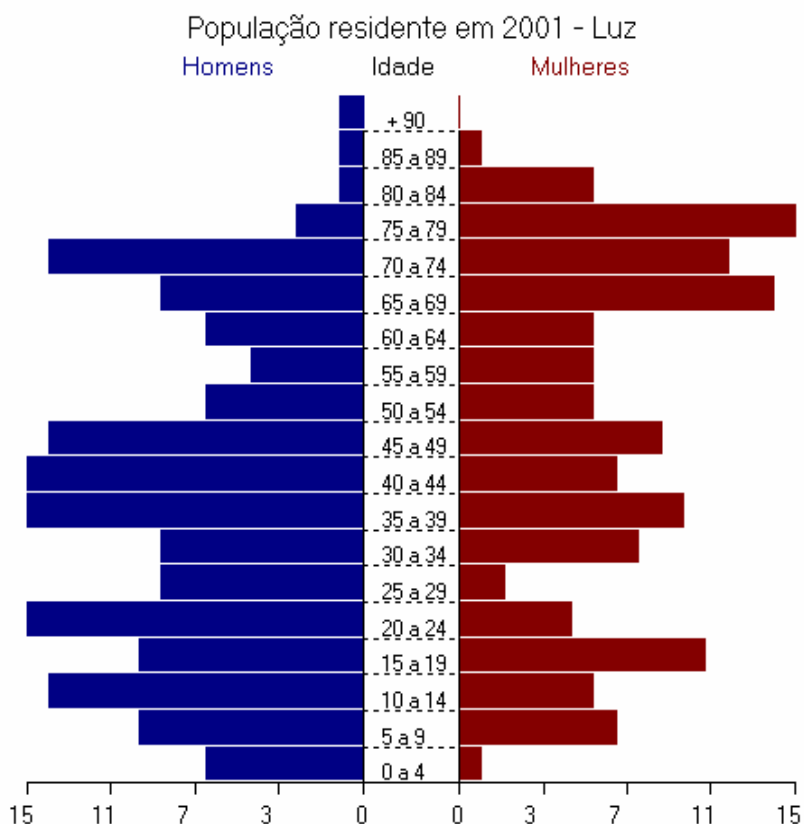
Trata-se de uma população envelhecida, com uma Idade Média e um Índice de Envelhecimento bastante superiores aos de Portugal Continental, conforme se pode verificar pelo Quadro que se segue. Daí que a nossa amostra, quatro anos depois, reflecta essa mesma tendência do envelhecimento da população.

Quadro 1: Dados comparativos

TERRITÓRIO	PARÂMETROS	IDADE MÉDIA	ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO
PORTUGAL CONTINENTAL – 2001:			
TOTAL		39,71	104,54
15 + Anos		45,73	
LUZ – 2001:			
TOTAL		43,10	171,93
15 + Anos		49,26	
AMOSTRA (15 + Anos)		51,65	

O Gráfico 1 dá-nos conta da Pirâmide Etária da População da Luz, de acordo com os dados do Censo de 2001.

Gráfico 1:



Fonte: INE, Censos 2001, versão digital.

Relativamente aos inquiridos, a faixa etária predominante é a de 65 e mais anos (33,80%), sendo que 53,30% têm mais de 50 anos, numa amplitude que vai dos 16 aos 95, com uma idade média de 51,65 anos e um desvio padrão de 21,379.

Nesta amostra, a idade média dos Homens é de 50,66 anos, com um desvio padrão de 21,857, adentro dos limites de confiança, a 95,00%, de 43,47 a 57,84. Por sua vez, a idade média das Mulheres é de 52,62, com o desvio padrão de 21,142, e os limites de confiança, também a 95,00%, de 45,76 e 59,47.

Dada a heterogeneidade etária dos participantes, entendeu-se por bem proceder ao seu agrupamento, conforme consta no Quadro a seguir apresentado, onde aparecem também os valores esperados, resultantes da aplicação do teste do Qui-Quadrado.

Quadro 2: Grupos Etários * Género

GRUPOS ETÁRIOS		GÉNERO DOS INQUIRIDOS		Total
		MASCULINO	FEMININO	
ATÉ 19 ANOS	N Observado	1	4	5
	N Esperado	2,5	2,5	5,0
20-29 ANOS	N Observado	6	3	9
	N Esperado	4,4	4,6	9,0
30-39 ANOS	N Observado	8	5	13
	N Esperado	6,4	6,6	13,0
40-49 ANOS	N Observado	5	4	9
	N Esperado	4,4	4,6	9,0
50-64 ANOS	N Observado	6	9	15
	N Esperado	7,4	7,6	15,0
65 E + ANOS	N Observado	12	14	26
	N Esperado	12,8	13,2	26,0
Total	N Observado	38	39	77
	N Esperado	38,0	39,0	77,0

Da aplicação do Teste do Qui-Quadrado, por simulação de Monte Carlo, com um resultado de Sig. = 0,521, como se mostra no Quadro 3, é de aceitar a hipótese nula de que não há diferença significativa entre os dados por Género dos inquiridos, tendo em conta os Grupos Etários em análise.

**Quadro 3: Teste do Qui-Quadrado por simulação de Monte Carlo
Grupos Etários * Género**

Teste e Nº de Casos	Valor	gl	Monte Carlo Sig. (bidireccional)	Intervalo de Confiança a 95%	
				Limite Inferior	Limite Superior
Qui-Quadrado de Pearson	4,345	5	0,521	0,511	0,530
N de Casos Válidos	77				

O nível de escolaridade é baixo, predominando o Ensino Básico, com 52,1%. E detecta-se, pelos testes estatísticos aplicados, que há uma diferença significativa entre a escolaridade masculina e a feminina, em função dos escalões considerados O mesmo acontece quando se compara o nível de escolaridade com os Grupos Etários.

Quadro 4: Níveis de escolaridade

NÍVEIS	Nº	%
NENHUMA ESCOLARIDADE	15	21,1
BÁSICO	37	52,1
SECUNDÁRIO	14	19,7
TÉCNICO-PROFISSIONAL	5	7,0
Total	71	100,0

Quanto à principal actividade actual, na aldeia da Luz predominam os trabalhadores por conta de outrem, com 35,1%. Aqui não se detectam diferenças significativas entre os Homens e as Mulheres.

A maioria dos inquiridos considera que o processo de adaptação à aldeia e à nova casa foi fácil: 61,8% e 78,9%, respectivamente.

A maior parte (61%) acha que a nova aldeia é esteticamente mais feia que a antiga e que, até ao presente, não houve nenhuma melhoria na sua qualidade de vida (69,3%). No entanto, é de salientar que o convívio entre os residentes parece não ter sofrido grandes oscilações, sendo, mais privilegiado o convívio com familiares (72,7%).

Nas redes de sociabilidade, não se constata que os inquiridos manifestem grandes alterações relativas à sociabilidade existente na antiga aldeia, pese, embora, o facto de o “mundo rural das tapadas” ter desaparecido, quebrando-se, assim, os laços ancestrais de convivialidade e de permuta de saberes.

Relativamente aos laços de entreajuda, verifica-se que existem a um nível mais básico, no sentido dos cuidados primários, ou seja, não se infere que os inquiridos manifestem vontade de se ajudarem num perímetro territorial mais alargado, que transcenda o espaço da própria comunidade.

Quanto à convivialidade com os amigos, parece ser elevada (71,1%).

No que diz respeito ao tempo de permanência no interior das suas casas, os inquiridos revelam uma forte tendência para se isolarem (46,1%) e há um menor uso/frequência do Largo principal da aldeia (52,7%), na medida em que o consideram pouco apelativo, o que contribui para a não apropriação daquele espaço.

Os familiares foram os primeiros (86,3%) a ser convidados para ver as novas casas, sendo perceptível, em todos os inquiridos, uma preocupação de embelezamento e conforto do seu interior (já que, no exterior, não puderam interferir, por imposição da EDIA), por forma a recriar e a demarcar o estatuto social de cada um.

Assim, constata-se que, na nova aldeia, o espaço privilegiado em termos identitários e que acaba por ser considerado uma espécie de “refúgio” é a nova casa (11,5%), seguindo-se o Museu (6,4%) e o Pavilhão Desportivo com o seu Largo (9,0%).

No sentido oposto, os espaços que os inquiridos menos apreciam e com os que menos se identificam são o Largo Principal (46,2%), a Escola (3,8%) e o Lavadouro (2,6%).

No que se refere aos benefícios trazidos pela Barragem, os inquiridos já se aperceberam que a mesma não vai mudar significativamente as suas vidas e concluem que não será um factor detonador do desenvolvimento local, nomeadamente da aldeia.

Questionados sobre os benefícios da barragem para o futuro da aldeia, apenas 32,9% responderam que trará mais benefícios. E, quanto ao desenvolvimento do Alentejo, em função da barragem, só 25,0% estão convencidos que tal acontecerá.

O seguinte Quadro sintetiza as resposta dos inquiridos a vários itens, numa escala de 1 a 3, onde se constata que os valores médios dos diversos parâmetros se situam, geralmente, abaixo do ponto médio (2), variando a amplitude, em 90,90% dos casos, entre 1 e 3.

Quadro 5: Apreciação da aldeia

ITENS	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
ESPAÇO DA ALDEIA	77	1	3	1,68	0,895
QUALIDADE DE VIDA NA NOVA ALDEIA	75	1	3	2,01	0,557
CONVÍVIO COM FAMILIARES	77	1	3	1,78	0,476
CONVÍVIO COM AMIGOS	76	1	2	1,70	0,462
CONVÍVIO COM VIZINHOS	77	1	3	1,74	0,548
CONVERSA COM VIZINHOS	76	1	3	1,76	0,486
TEMPO DENTRO DE CASA	76	1	3	2,38	0,632
FREQUÊNCIA DA RUA	74	1	3	1,76	0,569
FREQUÊNCIA DO LARGO PRINCIPAL	74	1	3	1,53	0,602
BENEFÍCIOS DA BARRAGEM PARA FUTURO DA ALDEIA	73	1	3	2,08	0,759
BENEFÍCIOS PARA A ACTIVIDADE DIÁRIA COM A MUDANÇA	75	1	3	1,99	0,507

Para aprofundar a análise, procurámos detectar as correlações existentes entre as variáveis constantes do Quadro anterior. Como as referidas variáveis estão numa escala ordinal, usámos, para o efeito, o cálculo das correlações não paramétricas do “ró de Spearman”. O resultado

permitiu-nos verificar que todas as variáveis têm sempre uma ou mais variáveis com correlação significativa, que vai de muito baixa a moderada, aos níveis de 1,00% ou de 5,00%. A correlação mais elevada detectada é de 0,607, entre CONVÍVIO COM FAMILIARES e CONVÍVIO COM AMIGOS. A única correlação negativa, de -0,328, verifica-se entre TEMPO DENTRO DE CASA e FREQUÊNCIA DA RUA, na nova aldeia, o que tem toda a lógica.

Seleccionadas as variáveis, e sabendo que existe correlação significativa entre parte delas, achámos por bem proceder a uma análise factorial.

Este tipo de análise permite identificar um conjunto menor de variáveis hipotéticas (factores), a partir das variáveis iniciais. Como tal, é uma técnica de análise exploratória dos dados. E usa as correlações existentes entre as variáveis originais para estimar o(s) factor(es) comum(ns) e as relações estruturais que ligam os factores às variáveis. Deste modo, determina-se o menor número possível de dimensões que podem sintetizar grande parte da variação encontrada no conjunto das questões analisadas.

Começámos por fazer o teste de validade da análise factorial. Para isso, utilizámos o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), aplicado à análise das componentes principais, que dá um valor de 0,582, o que significa que a validade é má, ainda que a análise possa ser feita. No entanto, o teste da esfericidade de Bartlett, com um $\chi^2 = 199,619$, com 56 graus de liberdade e um nível de significância = 0,000, inferior 0,05, indica que as variáveis estão correlacionadas significativamente e, portanto, pode-se aplicar a análise factorial.

Para extrair os factores usámos o método das componentes principais. Foram obtidas quatro componentes, tantas quantas as que apresentaram valores próprios superiores a 1, segundo o critério de KAISER, responsáveis por explicar 62,494 % da variância total.

As componentes obtidas foram, depois, sujeitas a um processo de rotação ortogonal, pelo método de *Varimax*, com o objectivo de subdividir as variáveis iniciais em subconjuntos com o maior grau de independência possível, Foram considerados os valores com saturações $\geq |0,30|$, incluindo em cada factor as variáveis que com eles apresentam maiores pesos factoriais.

Posteriormente, procedeu-se à análise da consistência interna dos factores. Esta consiste na proporção da variabilidade nas respostas, resultante das diferenças nos inquiridos, que têm diversas opiniões sobre o que são questionados. Para isso, a partir dos itens de cada factor, calculou-se o respectivo *Alpha de Cronbach*. E o resultado está sintetizado no Quadro 6, onde se apresentam os factores, as saturações, as médias, a percentagem da variância explicada e os coeficientes *Alpha de Cronbach*, com os seguintes valores:

- 0,830 -> consistência interna razoável;
- 0,686 -> consistência interna fraca;
- - 0,099 -> resultado de correlações negativas, não devendo ser considerado.

Quadro 6: Avaliação da aldeia

FACTORES	Saturações	Média	% Variância explicada	Coefficiente Alfa de Cronbach
1. Convívio:				
CONVÍVIO COM VIZINHOS	0,867			
CONVÍVIO COM FAMILIARES	0,821			
CONVERSA COM VIZINHOS	0,719	1,7333	23,882	0,830
CONVÍVIO COM AMIGOS	0,675			
2. Benefícios:				
BENEFÍCIOS DA BARRAGEM PARA FUTURO DA ALDEIA	0,844			
QUALIDADE DE VIDA NA NOVA ALDEIA	0,689	2,0507	16,563	0,686
BENEFÍCIOS PARA A ACTIVIDADE DIÁRIA COM A MUDANÇA	0,542			
NÚMERO DE AMIGOS NA NOVA ALDEIA	0,526			
3. Frequência de Sítios:				
FREQUÊNCIA DO LARGO PRINCIPAL	0,776			
TEMPO DENTRO DE CASA	-0,703	1,8874	13,444	-0,099
FREQUÊNCIA DA RUA	0,691			
4. Qualidade do Espaço				
ESPAÇO DA ALDEIA	0,758	1,6753	8,605	

KMO = 0,582

Teste de Bartlett, Prob. = 0.000

Variância total explicada = 62,494%

Foram considerados os valores com saturações $\geq |0,30|$, incluindo em cada factor as variáveis que com eles apresentam maiores pesos factoriais.

Das médias dos vários factores, referidas no Quadro anterior, na escala utilizada de 1 a 3, constata-se que apenas a média do factor “benefícios” se situa ligeiramente acima de 2, o ponto médio. Aliás, a média dos quatro factores é de 1,83: 1,88 para os Homens e 1,78 para as Mulheres, sem diferença significativa entre estas médias. Também não se detectam diferenças significativas por Grupos Etários. O que poderá significar que, volvidos quatro anos após o abandono da antiga aldeia, os luzenses ainda não estão totalmente adaptados/conformados ao espaço/benefícios da nova Luz.

4. Conclusão

As grandes barragens não têm estado à altura do seu papel como “mitos da civilização moderna”, símbolos que foram do poder do Homem sobre a própria Natureza. Sob o ponto de vista ecológico e ambiental, começam a ser contestadas um pouco por todo o Mundo, pese embora as grandes barragens que estão a ser construídas na China, na Índia e nalguns países da América do Sul, onde as deslocalizações compulsivas de milhões de indivíduos são uma constante.

Os habitantes da nova aldeia da Luz, segundo o que conseguimos apurar neste inquérito, detêm um enraizamento cultural e territorial considerável, perceptível na relação afectiva com o Alentejo e com todo o espaço envolvente, alicerçado em redes de forte solidariedade familiar e de vizinhança.

Volvidos quatro anos sobre a mudança para a nova aldeia, subsiste, no entanto, em grande parte dos inquiridos, a nostalgia de algo irrepetível, a tomada de consciência de algo que se deixou para trás e que se perdeu na voragem do tempo e das águas do Guadiana – a antiga aldeia da Luz –, sobre a qual só a memória interiorizada de cada um a pode recriar e relembrar, transformando-a numa espécie de “mito” colectivo.

A partilha e a ocupação de um lugar, durante um período de vida média de um indivíduo, geram um sentimento de pertença a esse espaço.

Assim, a readaptação à nova casa, à nova aldeia e aos novos espaços envolventes é feita em função de múltiplas variáveis e a recomposição das identidades não se opera de modo simultâneo. Cada indivíduo reage e intui de modo diferente.

Face ao mapa sensorial e cognitivo interiorizado, individual e colectivamente, o desvio do que era a norma (antiga aldeia) deu origem a inaptações e a resistências psicológicas à recomposição identitária desta comunidade, que actualmente está fragmentada e dispersa, apesar do esforço de alguns em tentar manter a “aparência” de uma certa coesão social.

Curiosamente, em Março de 2006, o Projecto do Museu, Cemitério e Igreja de Nossa Senhora da Luz da nova aldeia, recebeu um prémio atribuído pela *European Union Prize for Cultural Heritage / Europa Nostra Awards*, na categoria de Conservação do Património Arquitectónico. Ou seja, por um lado, temos o património transferido da “antiga aldeia” e os artefactos agrícolas do passado recuperados e expostos no Museu, que são revalorizados em termos culturais ao nível internacional, mas, por outro lado, temos uma população que, ao ser compulsivamente deslocada para a nova aldeia, perde progressivamente a sua identidade.

É certo que o Sistema Global de Regadio de Alqueva, que projecta a instalação de 110 mil hectares de área irrigada, prevê-se estar concluído até 2015. Mas, até essa data ainda longínqua, que projectos e que investimentos estão a ser feitos na aldeia, a curto prazo?

Estão a ser equacionados e estudados vários projectos de desenvolvimento turístico para as margens do Grande Lago de Alqueva, que se destinam fundamentalmente a forasteiros e turistas, mas não existe um projecto de desenvolvimento para a aldeia da Luz e seus habitantes.

Assim, a população cada vez mais envelhecida limita-se a viver o dia-a-dia e, os poucos jovens, que por ali ainda continuam, na primeira oportunidade que surgir, facilmente irão viver para terras com mais vida e hipóteses de futuro. A vinha, a cooperativa agrícola, a adega, os olivais e o parque empresarial, prometidos pelo Estado, tardam em surgir e a nova aldeia esvazia-se de gentes¹.

Recentemente, dois empresários tentaram fixar residência na aldeia, mas não conseguiram casa nem terrenos para comprar.

Hoje, a aldeia da Luz tem tudo o que há de mais moderno (Internet, Televisão por cabo, etc.), mas as suas gentes já não têm os seculares ferragiais perto de casa, para tratar e regar, ao fim da tarde de um dia solarengo.

Como corolário desta investigação, pese, embora, o facto de os resultados obtidos terem ficado aquém das nossas expectativas, em termos de resposta face à amostra seleccionada, não invalida a análise qualitativa e quantitativa realizada, que nos permite inferir sobre a pertinência, oportunidade e acuidade desta investigação sociológica.

Bibliografia

- ANTUNES, Manuel de Azevedo (1985), *Vilarinho da Furna, uma aldeia afundada*, Lisboa, Regra do Jogo.
- ANTUNES, Manuel de Azevedo (1994), *Requiem por Vilarinho da Furna, uma aldeia afundada*, Lisboa, Colecção meia hora de Leitura, Edição da Biblioteca da ULHT.
- ANTUNES, Manuel de Azevedo (2005), *Vilarinho da Furna, Memórias do Passado e do Futuro*, Lisboa, 2ª Edição, CEPAD, ULHT.
- ANTUNES, Manuel de Azevedo (2006), *Para uma Utilização do SPSS - Statistical Package For The Social Sciences - Guia do Utilizador, Parte I – Estatísticas Descritivas*, 4ª Reimpressão, Lisboa, CEPAD, ULHT.
- AUGÉ, Marc (1994), *Não-Lugares, Introdução a uma metodologia da sobremodernidade*, Venda Nova, Bertrand Editora.
- BLOEMER, Neusa Maria (2001), *Hidroeléctricas e populações locais*, São Paulo, Brasil, Editora Cidade Futura.
- BOURDIEU, Pierre (1989), *O poder simbólico*, Lisboa, Difel.
- DUARTE, Lucinda; TEIXEIRA, Luísa; SANTOS, Mafalda, (2003), *Aldeias submersas em consequência da construção de Barragens: Vilarinho da Furna (1971); aldeia da Luz, Alentejo (2002) – deslocação das populações e reconstrução do seu tecido espacial e social: - continuidade ou descontinuidade?*, Dissertação final para a Licenciatura em Sociologia, Universidade Lusófona, Lisboa (policopiada).
- DIAS, Jorge (1967), *Problemas e métodos em estudos de Comunidades, ensaios etnológicos*, Lisboa, JIU, CEPS, nº 52.
- PINTO, José Madureira (1991), “*Considerações sobre a produção social de Identidade*”, Revista Crítica de Ciências Sociais, Lisboa.
- FORTUNA, Carlos (2000), *Identidades, percursos e paisagens culturais*, Oeiras Celta Editora.
- GEERTZ, Clifford (1999), *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*, Petrópolis, Editora Vozes.
- GIDDENS, Anthony (2001), *Consequências da modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- GOFFMAN, Erving (1993), *A apresentação do eu na vida de todos os dias*, Lisboa, Relógio d'Água.
- INE, CENSOS 2001, Versão Digital, Lisboa.
- LEDROUT, R.(1990), *L'homme et l'espace*, Encyclopédie de la Pléiade/Histoire des Moeurs, Vol I, Paris, Gallimard.
- LEVI-STRAUSS, Claude (1979), *Tristes trópicos* (Tit. orig. *Tristes Tropiques*, 1955), Lisboa, Edições 70.
- LEVI-STRAUSS, Claude (1977), *L'Identité*, Paris, Editions Grasset et Frasnelle.
- MAROCO, João (2003), *Análise Estatística com utilização do SPSS*, Lisboa, Edições Sílabo.

¹ Ler artigo intitulado “Sem Luz”, publicado no jornal *Expresso*, de 22 de Julho de 2006, que, de certa forma, corrobora os resultados deste trabalho de investigação.

MENDRAS, Henri (1980), *Sociedades Camponesas*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
MAFFESOLI, Michel (1987), *O conhecimento do quotidiano para uma sociologia da compreensão*, Lisboa, Veja, Coleção Universidade.
PELLEGRINO, P., et al., (1980), *Identité Regionale et representations collectives de l'espace*, Genève, CRAAL-FNSRS, Unesco.
PESTANA, Maria Helena; GAGEIRO, João Nunes (1998), *Análise de Dados para Ciências Sociais - A Complementaridade do SPSS*, Lisboa, Ed. Sílabo.
REINO, João Pedro (2002) *Aldeia da Luz - uma aldeia em mudança*, Lisboa, ISCTE, Dissertação de Mestrado (não publicada).
ROY, Arundhati (2001), *Pelo Bem Comum*, Lisboa, Edições Asa.
SILVA, José Carlos Gomes (1994), *A identidade roubada*, Lisboa, Gradiva.
SILVANO, Filomena (2001), *Antropologia do Espaço - uma introdução*, Oeiras, Celta Editora.

Outros documentos consultados

ADEREM, Associação de Desenvolvimento de Mourão (2002), *Caracterização da área geográfica de intervenção da Barragem do Alqueva*.
Estudo encomendado pela EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva (2001), *Diagnóstico social da Aldeia da Luz - Relatório final*.
Instituto de Hidráulica e Engenharia Rural e Ambiente (1999), Estudo prévio sobre o *Emparcelamento rural da freguesia da Luz: - emparcelamento rural integrado*.
PROCESEL (1996), Estudo sobre *Impacte Ambiental da nova aldeia da Luz*.

“Sites” consultados

www.aldeiadaluz.pt
www.citidep.pt/ngo/afurna
www.dams.org
www.edia.pt
www.europa.en.int/water/water-bathing/index_en.html
www.icid.org
www.inag.pt
www.unece.org/env/water